

Lisboa Contemplados no primeiro concurso passam a dispor hoje de um espaço criativo

# Artistas recebem hoje ateliers para dinamizar a cidade

Câmara Municipal de Lisboa entrega, no Palácio dos Coruchéus, a chave de 14 ateliers a outros tantos artistas e reabre a histórica galeria Quadrum

Vítor Belanciano

● O bairro de Alvalade, em Lisboa, tem vida própria, escala humana, permitindo relações de proximidade. Mas pode ser dinamizado. É com essa perspectiva que a Câmara de Lisboa vai entregar, hoje, a chave de 14 ateliers municipais a artistas - 12 deles no Complexo de 50 ateliers dos Coruchéus, junto ao palácio do mesmo nome, em Alvalade. Os restantes dois ficam no Rego (para a artista plástica Ana Perez-Quiroga) e na Quinta do Contador-Mor, nos Olivais (para o escultor Rodrigo Oliveira).

Os escassos metros quadrados de jardim que são conservados nas frentes de alguns prédios estão cuidados. Os logradouros das traseiras dos quarteirões estão arranjados. Nas ruas sente-se que é um bairro que permite relações de vizinhança. No Verão, o Parque de Jogos 1.º Maio transforma-se numa sala de cinema ao ar livre e as bancadas enchem-se como se fosse dia de jogo. Não muito longe, encontra-se uma das poucas salas de cinema que abriram nos últimos anos, contrariando a tendência para o encerramento, o cinema City.

Ontem, na Rua Alberto Oliveira, na clareira ladeada de árvores onde

fica o Palácio dos Coruchéus, ainda se ultimava o alcatroamento de algumas zonas. Hoje tem de estar tudo pronto. A partir das 15h, naquele espaço envolvente, haverá uma série de actividades para assinalar a ocasião - de concertos jazz a *performances* de tango argentino, passando por animação de rua pela Escola do Chapi-tô -, sendo a entrega das chaves às 19h. Em simultâneo será inaugurada uma peça (*Sem título*) de José Pedro

163

Número de artistas que se candidataram ao concurso de atribuição de 14 ateliers propriedade da Câmara de Lisboa

Croft, colocada em cima de uma das árvores que rodeiam o palácio, e será reaberta a histórica galeria Quadrum.

Os 14 contemplados foram escolhidos através de um concurso público para o qual concorreram 163 artistas. O concurso visou aumentar a transparência e melhorar a gestão da cedência dos ateliers, feita desde a década de 1970. E também promover uma renovação geracional gradual, porque os restantes 55 espaços que a câmara detém estão na mão de ar-

tistas que os ocupam há muitos anos.

“Antes, o que existia era uma atribuição individualizada”, explica o director municipal de Cultura Francisco Motta Veiga. “Quisemos dar a volta a um regulamento desfasado, abrindo-o à generalidade das artes - e não apenas às artes plásticas -, montando um sistema que fosse tão transparente quanto possível e privilegiando a ideia de que cada membro do atelier seja também um dinamizador do espaço.”

**Rendas de 100 a 300 euros**

Na atribuição dos espaços, pelo período de quatro anos, a preços módicos (nos Coruchéus as rendas mensais variam entre 100 e 140 euros, sendo o mais caro, aquele que é mais espaçoso, o dos Olivais, 300 euros), foi tido em conta o percurso de cada criador, mas acima de tudo distinguiram-se os projectos. “O currículo era um elemento”, diz Motta Veiga, “mas era também importante a qualidade do projecto e a sua relevância. Quisemos encarar os ateliers como espaços onde está qualquer coisa a acontecer.”

O trio Pessoa Colectiva, formado pelas jovens artistas Susana Gaudêncio, Inês Botelho e Mafalda Santos, constitui um bom exemplo. “Não queremos

NUNO FERREIRA SANTOS



Dos 14 espaços entregues hoje, 12 situam-se no Palácio dos Coruchéus



que o espaço esteja cingido a nós, por isso vamos criar uma série de actividades que incluem outros artistas e também não-artistas”, diz Inês. “A ideia é desenvolver uma espécie de atelier aberto”, acrescenta Susana. “Queremos que o atelier seja um lugar de experimentação, de manipulação e também de produção de obras, aberto à sociedade em geral.”

Para além de artistas emergentes, há também consagrados, como Ângela Ferreira, ou mais jovens, como Vasco Araújo e Yonamine, que foram contemplados. A primeira já conhecia o lugar e concorreu por uma razão simples: “Tenho trabalhado sempre em casa, preciso de um espaço, que são caríssimos, conhecia os ateliers dos Coruchéus, que são bonitos, e concorri.”

Vasco Araújo realça que “é positivo que a câmara potencie a aproximação com os artistas. Antes as pessoas propunham-se. Não havia concurso. Assim é mais democrático. É muito positivo esta abertura da câmara, promovendo esta mistura entre artistas já consagrados e dar uma oportunidade a quem está a começar.”

A enquadrar a iniciativa, a atribuir-lhe sentido, estão exemplos de cidades como Londres, Berlim ou Barcelona, capazes de conceber microcosmos criativos, através da conjugação de uma série de factores (rendas acessíveis, reutilização de espaços inexplorados, espírito de livre iniciativa e políticas públicas) em que as artes e a cultura surgem associadas a dinâmicas de regeneração urbana, propiciando o surgimento de ambientes criativos.

“Claramente, essa é a ideia principal também aqui”, reflecte Motta Veiga. “É, aliás, intenção da câmara que surjam no futuro outros núcleos na cidade, onde possa existir concentração, quer de ateliers, quer de espaços de residência ou através da interligação com iniciativas de associações”, revela. Ou seja, a câmara deseja criar condições para que comunidades de artistas desenvolvam a sua própria dinâmica, em conjunto com o tecido social envolvente, e se possível o contiguam. Alvalade, Lisboa, agradecem.

## Terceira vida começa com a exposição *Anti-Totem* A nova existência da galeria Quadrum

● A galeria Quadrum abriu pela primeira vez em Novembro de 1973, pela mão da pintora Dulce d'Agro. O espaço era um antigo refeitório do centro de artes plásticas dos Coruchéus, onde hoje está o complexo de ateliers, projectado pelo arquitecto Fernando Peres.

Alguns dos mais reconhecidos artistas dos anos de 1970, como Alberto Carneiro, Fernando Calhau ou Helena Almeida, passaram por lá. A vanguarda lisboeta, no pós-25 de Abril, reunia-se ali. Na sua programação colaboraram, até meio dos anos 80, Rui Mário Gonçalves, Salette Tavares ou Ernesto Sousa, mas em 1995, com o abandono de Dulce d'Agro, a galeria encerrou portas. Reabriu três anos depois, em 1998, pela mão do artista e produtor António Cerveira Pinto, mas ao fim de poucos anos voltou a encerrar. Reabre hoje.

É um espaço amplo, com muita luz. Abandonada há anos, a galeria volta



Alguns dos mais reconhecidos artistas de 70 passaram por aqui

a ganhar dignidade, envolvida pelos jardins dos Coruchéus, também alvo de trabalho de recuperação. “Gostávamos que voltasse a ser um espaço

progressista na sua expressão artística”, afirma Francisco Motta Veiga, “capaz de espelhar a realidade da produção contemporânea e, ao mesmo

tempo, capaz de reflectir a dinâmica que se pretende imprimir, voltada para a cidade e para as pessoas.”

O ciclo de exposições, sob programação do chefe de divisão de galerias e ateliers João Mourão, terá sempre comissários convidados. É o caso da exposição que é inaugurada hoje. Chama-se *Anti-Totem*, é um projecto dos artistas André Romão e Pedro Neves Marques, com Diogo Evangelista e Eduardo Guerra. Nenhum deles viveu o espaço. Não têm nenhuma memória afectiva sobre ele. O que sabem é o que está nos livros sobre arte portuguesa. “O projecto também partiu daí”, reflecte André Romão, “dessa grande mitificação em relação ao lugar, que até certo ponto queremos contrariar.” Não surpreende por isso que a primeira exposição da terceira existência da Quadrum seja “uma releitura histórica, até porque o nosso trabalho tem muito a ver com esses processos”, conclui André Romão.

## Júri rejeita suspeitas de violação do regulamento Nem um concurso inédito pôs fim à polémica

● Durante duas décadas, a entrega dos ateliers municipais gerou polémica porque era feita sem concursos. Desta vez, houve concurso, e nem assim deixa de haver celeuma. Há quem questione se não foram violados o regulamento, os critérios de avaliação e uma alegada falta de transparência. O presidente do júri, Francisco Motta Veiga, recusa as críticas e reage às acusações sublinhando que houve equilíbrio na avaliação e que o resultado desta experiência é “uma nova dinâmica” no apoio às artes que deve continuar.

Na antevéspera da entrega das chaves, Hugo Rodrigues Queirós, um artista plástico de Lisboa, sentou-se em frente a um computador e enviou ao PÚBLICO, por escrito, um rol de dú-

vidas que os resultados do concurso lhe suscitam. Ontem, em contacto telefónico com o jornal, reiterou as suas perplexidades: como é que há contemplados que têm 40 e 50 anos, e uma carreira de 25, quando o regulamento do concurso afirma que se destinava a “jovens artistas em início de carreira”, sendo os ateliers incentivos aos artistas para um início de carreira? Por que é que a esmagadora maioria dos que hoje vão receber uma chave são das artes plásticas?

Hugo Queirós sublinha que está “à vontade” para levantar estas questões e assumir as críticas porque não foi candidato a nenhum atelier. O mesmo à-vontade demonstrou o presidente do júri, que, confrontado com estas questões, rejeita a ideia de que haja

violação dos regulamentos ou menor transparência nas decisões. Quanto ao facto de haver contemplados mais velhos, Motta Veiga sustenta que em lado nenhum o regulamento determina que só os jovens podem concorrer. “Não se quer apenas jovens, o regulamento parte de um pressuposto mais abrangente, para um universo alargado”, diz. O que se lê, afinal, no regulamento? “Em terceiro lugar este regulamento constituirá também um instrumento de apoio aos jovens artistas em início de carreira, proporcionando condições para o desenvolvimento da sua actividade artística.”

Motta Vale sustenta, porém, que a idade não pode ser um critério absoluto, tal como o currículo dos candidatos, que valia 30 por cento. “O que

acaba por ter um peso relevante é o projecto de cada candidato”, defende. Em relação ao facto de a maioria dos contemplados ser artista plástico, Motta Veiga diz que nem seria desejável haver uma espécie de quotas, uma divisão artificial para garantir que diferentes disciplinas estejam representadas entre os vencedores.

“O resultado é equilibrado. A própria composição do júri reflectia a nossa preocupação com o equilíbrio. Hoje, a média de idades de quem tem um atelier é mais baixa”, argumenta. “Houve algumas reclamações”, mas “nada que ponha em causa a transparência deste processo.” “Vivemos um momento histórico. Temos uma nova dinâmica, que é para continuar”, conclui. **Victor Ferreira**

### Três perfis, cinco artistas

#### Vasco Araújo

Um dos artistas portugueses revelados e mais conhecidos da década de 90, Vasco Araújo, tem as suas obras apresentadas em Portugal e internacionalmente em importantes exposições individuais e colectivas. Nasceu em 1975, em Lisboa, e aí vive. Não tinha

espaço próprio. A partir de hoje já tem. Quando soube que tinha sido seleccionado ficou contente por duas razões principais, afirma. “Uma delas é económica – os espaços são óptimos e mais baratos do que em qualquer outro lugar – e a outra tem a ver com

o facto de estar inserido num edifício onde irão estar só artistas, ou seja, colegas meus, o que pode gerar um tipo de sinergia muito positivo.” Quando necessitar de recolhimento, “posso fechar a porta”, mas tem esperança que do diálogo com os outros artistas, e com o bairro, “surjam muitas surpresas.”

#### Ângela Ferreira

Não tem certezas sobre o impacto que um pólo artístico da natureza dos ateliers dos Coruchéus podem ter no bairro e na cidade. “Se os artistas e a galeria forem activos, do ponto de vista do trabalho e também social, podem contribuir para a dinamização de uma zona



meio moribunda, mas depende da conjuntura.” Já sobre a sua própria vida, Ângela Ferreira não tem dúvidas de que vai ter impacto. “Estou habituada a sociabilizar, através da minha actividade de professora, mas sempre trabalhei em casa.” Agora, para a artista nascida em 1958, representante de Portugal na bienal de arte contemporânea de Veneza de 2007, e em outras importantes mostras, chegou a hora da partilha. “Gosto de discutir com outros artistas, portanto estou positiva, apesar da minha inexperiência nesse campo”, ri-se.

#### Pessoa Colectiva

São três, mas falam a uma só voz. Susana Gaudêncio, Inês Botelho e Mafalda Santos não gostam da etiqueta “artistas emergentes” – as três têm percursos individuais



–, mas o entusiasmo com que falam do projecto Pessoa Colectiva tem qualquer coisa de iniciático e redentor. “Queremos contaminar-nos e contaminar os outros à nossa volta”, diz Inês, falando da dinamização do espaço, onde a tónica é a própria natureza social da criação artística. “Interessa-nos a partilha do processo e o atelier vai ser esse espaço de concepção.”

### COMUNICAÇÃO AO CONSUMIDOR DE GÁS CANALIZADO

Informamos que no mês de Outubro iremos praticar os seguintes preços:

Pressão de Serviço (bar)	Preços (Eur/m <sup>3</sup> ) (IVA incluído)
0,039	3,64
0,200	4,19
0,500	5,20
1,000	6,90

Custo Fixo 3,12 Eur/mês

Galp Gás Propano, S.A.